MÁRIO SAA

POESIA

e alguma prosa

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

NOTA PRÉVIA

Ao pensar-se, pela primeira vez, na edição deste volume antológico, tinha-se em vista circunscrevê-lo exclusivamente à poesia de Mário Saa. Só posteriormente é que nos ocorreu aproveitar a oportunidade para aí acrescentar, como pareceu interessante e até vantajoso a vários títulos, alguns textos não poemáticos que, publicados aqui e ali, são de natureza também criativa e têm com a arte literária pontos de contacto. Trata-se de escritos — porventura ainda mais desconhecidos do público actual do que o são os próprios textos poéticos — que abarcam géneros como a expressão aforística e a novelística ou como a prosa meditativa, por vezes em contextos polémicos, sobre questões de estética. Da junção desse material de escrita, com o traço comum de todo ele se identificar como obra avulsa, não integrada em qualquer dos livros do autor, nasceu obviamente a ideia de Poesia e Alguma Prosa *avançada para título desta colectânea.*

Dito isto, importa referir, ou mesmo sublinhar, que a razão de ser deste volume continua a estar centrada na poesia. Daí o não poder ser motivo de qualquer surpresa o facto de os poemas constituírem a sua componente mais substancial e mais extensa. E os motivos são para nós bastante claros. Antes de mais, e nunca será excessivo acentuar esse ponto, por estarmos perante um escritor que, tendo publicado diversos livros sobre as mais diferentes temáticas, nunca fez editar qualquer obra de poesia. Depois, porque o próprio escritor deixou suficientes indícios de que ambicionava concretizar, em qualquer oportunidade, essa publicação. Terceiro, e certamente o mais decisivo, por se tratar de um poeta de indiscutível qualidade e originalidade,

um poeta que desde há muito merecia que os seus versos fossem oferecidos ao público em visão de conjunto e em formato de livro.

Se, quanto a este último aspecto, o do merecimento, necessário fosse qualquer abonação, poderíamos contar com valiosas achegas. Teríamos, para começar, o testemunho das numerosas e elogiosas referências de que, enquanto autor de poesia, Mário Saa foi e continua a ser alvo. Teríamos depois a circunstância, sem dúvida significativa, de poemas seus terem sido recolhidos em corpos antológicos, de carácter colectivo, organizados por escritores como Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões, Jorge de Sena, David Mourão-Ferreira, Natália Correia, Fernando Guimarães ou Vasco Graça Moura, entre outros. E, para não nos alongarmos mais a este respeito, teríamos, até, a singular repercussão obtida por alguns dos seus textos, como «Xácara do Infinito» (um dos primeiros poemas da plenitude artística do escritor), «A Vista», «Ode da Justificação da Forma», «Soneto» ou essa saborosa «Xácara das Mulheres Amadas» que João Villaret incluía no repertório de muitos dos seus famosos recitais.

Considerando tudo isso, nada mais nos poderia restar do que seguir em frente num intento já com algum tempo de projecto. Intento que, acima de tudo, é o de fazer divulgar um trabalho poético onde alguns bem visíveis vínculos tradicionalizantes mais fazem ressaltar a aventura de modernidade que também nele se inscreve, onde a frequente utilização de estruturas formais vindas do passado não é incompatível com um expressar tantas vezes carregado de arrojadas e imprevistas sinalizações de vanguarda. Depois, e no mesmo passo, dar notícia do que, em Mário Saa, é outra faceta dessa vanguarda: a das suas mais incisivas e sugestivas peças soltas de prosa literária, as quais, na maior parte dos casos, vieram a lume em importantes publicações do modernismo.

No cumprimento desse projecto, tentou-se igualmente pôr à vista, ainda que em traços muito largos, algumas outras facetas do poeta: a sua história pessoal, os seus tão diversificados interesses intelectuais, os livros que publicou, as suas mais significativas colaborações avulsas, as suas amizades, as suas mais visíveis preocupações, a sua maneira de ser e o que de mais substantivo ou mais sugestivo, sobre ele e a sua obra, muitos outros já escreveram. Tendo em mira a diversidade de aspectos contidos nesse objectivo, chamamos a atenção do leitor, não só para o que se aborda no texto introdutório que se segue, como para o que se desdobra noutras secções do volume. Estamos a referir-

-nos, principalmente, à «Tábua cronológica», *às* «Notas sobre os textos» *incluídos e à* «Bibliografia» *activa e passiva, a recolher cerca de quatro centenas de referências.*

Ainda um apontamento final. Fica bem longe de nós, claro está, a pretensão de termos alcançado, sobre todas essas matérias e propósitos, uma qualquer palavra definitiva. Muito ao contrário, temos bem a consciência de quanto, sobre Mário Saa e a sua poesia, há ainda de caminhos por desbravar, de textos por descobrir, de questões por esclarecer. Ou seja, estamos cientes de que este trabalho — que para nós significou um aturado esforço de acumulação informativa, mas também uma apaixonante aventura de clarificação perante o que, não raro, se vislumbrava como cerrada e labiríntica obscuridade — representará apenas um mero contributo para um conhecimento que fica naturalmente aberto a ulteriores acrescentos ou correcções.

*

Não poderíamos finalizar esta nota prévia sem deixar de manifestar alguns agradecimentos:

A João Palma-Ferreira, amigo de sempre, que, ao tempo em que exerceu o cargo de director da Biblioteca Nacional, não só foi o primeiro impulsionador deste nosso trabalho como sempre lhe deu o mais incondicional apoio;

A Luís Amaro, a cuja generosidade e fraterno companheirismo de longa data devemos a larga ajuda oferecida, nomeadamente através de numerosas indicações bibliográficas;

A António Braz de Oliveira, pela inicial familiarização com o espólio literário de Mário Saa, assim como pelo seu constante estímulo;

A Fátima Lopes, a Manuela Rêgo e a Pedro da Silveira; *à primeira pelo aturado esforço desenvolvido no capítulo da fixação textual dos manuscritos poéticos de Mário Saa, à segunda pelo apoio com que nos beneficiou, em particular no respeitante à referenciação bibliográfica, e ao terceiro, que conheceu pessoalmente o autor das* xácaras, *pela muita valia de alguns esclarecimentos e sugestões*;

A Nuno Júdice e a Teresa Dugos, a um por nos ter facultado o conjunto de poemas de Mário Saa, alguns deles inéditos, que teve a oportunidade de copiar, em 1972, na casa do poeta em

Ervedal, e a outra por nos ter proporcionado o manuseio de vários documentos em seu poder, de óbvio interesse para a biografia do escritor;

À Junta de Freguesia de Ervedal, pelas facilidades concedidas quando, já há alguns anos, por intermédio do que então era seu dirigente, Américo Mendes Claudino, nos foi dado tomar contacto directo com a Biblioteca-Museu do poeta naquela localidade e com a Herdade de Pêro Viegas;

À Fundação Arquivo Paes Teles (Ervedal), por, desde o primeiro momento, ter secundado a concretização, há tanto requerida, deste projecto editorial; e, em particular, à investigadora Elisabete Pereira, da mesma Fundação, pela solicitude e eficiência da variada colaboração prestada;

A Adérito Tavares, a Adosinda Providência Torgal, a Albano Martins, a Ana Marques Gastão, a António Cândido Franco, a António Ventura, a Artur Lucena, a Carlos Abreu, a Fernando Guimarães, a Fernando J. B. Martinho, a Gianluca Miraglia, a Hugo Paulo Rodrigues, a Isabel Cadete Novais e a Ramiro Lopes, os quais, desta ou daquela forma, deram algum contributo para a realização deste projecto;

A António Braz Teixeira, que, enquanto Presidente da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pronta e calorosamente deu o seu apoio a esta edição, tal como a Margarida Santos e a Julieta Matos, a Levi Condinho e a outros colaboradores da mesma instituição, que muito contribuíram para a materialização do volume;

Por fim, a minha mulher, pelo seu inestimável contributo, muito em particular no que respeita à revisão das provas tipográficas;

Para todos vai a minha gratidão.

Outubro de 2005.

J. R. S.

MÁRIO SAA,
UM POETA DO MODERNISMO

O HOMEM E A SUA OBRA

É tarefa mais árdua do que possa supor-se a de traçar, ainda que em breve esboço, a trajectória biográfica e cultural de Mário Saa. Quando muito, será possível ir adiantando, em cada tentativa, um novo desenho que, todavia, continuará imperfeito. E diversas são as razões que contribuem para essa dificuldade. Uma delas reportar-se-á às manchas de nebulosidade, apesar de tudo bem menores do que há uns anos, que continuam a envolver alguns passos da sua vida. Uma outra terá a ver com as muitas dúvidas e contradições suscitadas pelos papéis avulsos, quantas vezes incompletos ou confusos, que o poeta nos deixou. Por último, será de ter em conta a dispersividade resultante da invulgar variedade de motivações intelectuais que marcaram, e com grande acento, a trajectória das suas investigações e da sua criatividade.

Com uma vida em grande parte ligada ao concelho de Avis, nomeadamente à Herdade de Pêro Viegas (freguesia de Aldeia Velha), de que foi proprietário, e à freguesia de Ervedal, onde também residiu, Mário Saa nasceu a 18 de Junho de 1893, em Caldas da Rainha, onde o seu pai era então advogado, e faleceu em Ervedal, a 23 de Janeiro de 1971. Filho de Júlio Mário da Cunha e Sá[1] e de Maria Leonor da Silva Pais Teles, ambos

---

[1] Depois de ter exercido advocacia em Caldas da Rainha, Júlio Mário da Cunha e Sá, bacharel em Direito, foi posteriormente subdelegado no julgado de Óbidos, presidente da Câmara Municipal de Avis e notário em Avis e Ponte de Sor. Faleceu em 1919.

oriundos do concelho de Avis, foi baptizado três anos depois em Lisboa, na freguesia das Mercês, com o nome de Mário Pais da Cunha e Sá.

Sabe-se que, nos anos lectivos de 1907-1908 e de 1908-1909, frequentou, como aluno interno, o Colégio de S. Fiel (Louriçal, Castelo Branco), onde coligiu, em pequenos cadernos, os seus primeiros versos. No ano seguinte terá frequentado, em Lisboa, o Colégio dos Jesuítas, de Campolide, onde foi colega de Almada Negreiros. No ano lectivo de 1910-1911, matriculou-se no Liceu de Évora, no curso complementar de Ciências, que viria a concluir em 1912. A partir daí terá ingressado em diversos estabelecimentos do ensino superior, entre os quais, averiguadamente, o Instituto Superior Técnico, a Faculdade de Ciências de Lisboa e a Escola Médica de Lisboa. No que respeita ao primeiro desses estabelecimentos, há provas de que já o frequentava no ano lectivo de 1913-1914, provas reforçadas pela informação, inserida na «Tábua bibliográfica» que lhe é dedicada no n.º 19 (Fev.-Mar. 1929) da revista *Presença* [2], de que em 1917 era estudante no I. S. T. No que tem a ver com a Faculdade de Ciências, está confirmada a sua inscrição, em 1918, no curso de Ciências Matemáticas. No que se refere à Escola Médica, pode lembrar-se uma nota contida no semanário *Voz do Povo* (1 Jan. 1931), na qual, a pretexto de uma colaboração de Mário Saa nessa publicação, se faz alusão aos «seus afazeres de escolar de Medicina» [3].

Quanto aos resultados finais obtidos com a passagem por essas instituições universitárias, nada se sabe de concreto. Sabe-se, isso sim, que, independentemente do pormenor, afinal de somenos, que é o ter concluído ou não algum desses cursos, tal formação será responsável por algumas marcas mais «científicas» do seu trabalho intelectual. Mesmo a própria poesia, através de uma conceptualização e de um vocabulário com frequência radicados quer numa *razão matemática* ou geometrizante quer na

---

[2] Registe-se que essas «tábuas bibliográficas» apenas foram dedicadas a raros escritores, considerados pelos mentores da *Presença* como *mestres*. Para além de Mário Saa, somente foram contemplados com essa distinção Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Raul Leal, António Botto e José de Almada Negreiros.

[3] Informação de resto concorde com uma carta escrita a José Régio, dois dias depois, onde alude à frequência de Medicina: «preparo um exame (estudo medicina)». Cf. artigo «Mário Saa: um encontro por fazer», de Nuno Júdice, que, em anexo, reproduz esse documento, integrado num lote de «três cartas inéditas a José Régio» (*JL*, 16 Mar. 1982).

anatomia humana, alguma coisa será credora da formação técnico-científica colhida nas mencionadas instituições de ensino superior. Chegaram, entretanto, a ser publicitadas, inclusive em enciclopédias, antologias e dicionários literários, referências à frequência de outros cursos. Admitindo que a questão possa continuar em aberto, não nos foi possível obter dados que confirmem tais suposições.

A insistência em ser estudante universitário, pelo menos até à idade de trinta e tal anos, permitir-lhe-ia, para além de outras motivações (estamos a pensar, por exemplo, no considerável e constante trabalho de investigador em vários domínios), prolongar uma estimulante presença junto dos meios literários da capital, onde, desde cedo e por muito tempo, teve casa própria. Essa casa situava-se perto do Jardim da Estrela, na antiga Travessa de Santa Quitéria, 150-1.º (hoje Rua de Santa Isabel), e nela também deve ter vivido, a partir de 1919, a sua mãe.

Principal responsável pela aparente falta de êxito enquanto estudante universitário terá sido a sua permanente irrequietude de espírito, transposta nos múltiplos interesses intelectuais que o levaram a frequentar, com grande assiduidade e por largos anos, a Torre do Tombo e a Biblioteca Nacional — porventura as suas mais procuradas «universidades». Interesses intelectuais que também o levaram a uma intensa actividade de escrita. Para nos cingirmos, por exemplo, à criação poética, basta lembrar a organização de novos e mais convincentes cadernos de poemas, como *Fel e Mel*, *Pegadas*, *Ericeira* e *Doce Enleio*. Foi no contexto desse labor, de resto, que se verificou a sua estreia literária. Referimo-nos à publicação, em 1915, de dois poemas, oriundos do primeiro desses cadernos: «Despedida» e «Goivos», ambos assinados, não com o nome literário que viria a adoptar dois anos depois, mas com o nome civil, Mário Pais da Cunha e Sá.

Porventura mais mobilizador do seu espírito foi o meditar filosófico a que, com intensidade, o jovem escritor se dedicou por esse tempo. Para além de ter redigido, a partir de 1914, uma longa reflexão intitulada *Infinitismo*, transposta em novecentas páginas manuscritas, cuja publicação chegou a ser anunciada mas nunca levada a efeito, por essa época o autor arquitectou e escreveu, e viria a publicar em 1917, o seu primeiro livro, *Evangelho de S. Vito*, de larga e transfiguradora formulação aforística. Um livro onde perpassa uma muito íntima influência de Nietzsche, autor que, como se pode observar na sua biblioteca do Ervedal, foi lido e bastante anotado por Mário Saa.

Uma influência que — já por vezes abordada, e não raro em profundidade, por alguns estudiosos [4] — irá estender-se aos importantíssimos textos poético-aforísticos publicados na *Contemporânea* (em 1922-1923) e na *Presença* (em 1927) e, embora de modo mitigado, ao volume *A Explicação do Homem* (1928).

Ainda a pretexto do *Evangelho de S. Vito*, importará deixar referido que, com essa primeira obra, o autor inaugura o nome literário de *Mário Saa*, com dois *aa* — um nome literário, de sugestão arcaizante, que nunca mais abandonaria. Segundo Augusto Ferreira Gomes, a ideia deste *Saa* teria partido de uma sugestão sua. Isto no contexto de uma das habituais tertúlias — por sinal numa casa onde Pessoa por essa época residia —, no decorrer da qual Mário Saa leu o manuscrito do referido livro. Um certo momento dessa reunião, em que também teriam participado Silva Tavares, Numa de Figueiredo e Cunha Dias, é assim descrito: «O Numa de Figueiredo achava que o nome de Mário de Sá era pouco expressivo, tinha pouca ressonância para um escritor que aparecia. Eu lembrei que se lhe acrescentasse mais um *a*. Ficava mais aberto e portanto com melhor eco... O Mário — estou a vê-lo, porque estava constipado, embrulhado em grosso sobretudo, embora fizesse um calor de rachar — concordou e assim apareceu na nossa antroponímia um novo apelido, que tantos têm achado implicativo» [5].

Posteriormente à edição do mencionado livro de estreia, vemos Mário Saa prolongar, e de modo intenso, o seu deambular intelectual pelos domínios que mais intimamente o apaixonavam. Isso explica que, no curto período de dez anos, os que vão de 1921 a 1930, lhe tenha sido possível vir a público com um tão apreciável número de obras, versando diferenciada gama de preo-

---

[4] A este propósito, será justo fazer particular referência a uma obra relativamente recente, de Américo Enes Monteiro, *A Recepção da Obra de Friedrich Nietzsche na Vida Intelectual Portuguesa (1892-1939).* Um extenso capítulo (pp. 354-421) é aí dedicado à relação entre várias obras de Mário Saa e o pensamento do filósofo alemão.

[5] Entrevista ao *Diário da Manhã* (Lisboa, 28 Ago. 1950), mais tarde transcrita, ainda que só parcialmente, no volume *Obra em Prosa de Fernando Pessoa — Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas* (org. e notas de António Quadros), Mem Martins, Publicações Europa-América, 1986, pp. 281-287. Como nessa entrevista se esclarece, a casa aí referida pertencia a um amigo de Pessoa, de nome Sengo, de resto referenciado em passagens da conhecida *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, de João Gaspar Simões.

cupações: *Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões* (organização e apresentação), *Portugal Cristão-Novo ou os Judeus na República*, *Camões no Maranhão*, uma obra em que já meditava por volta de 1916, *Tábua Genealógica da Varonia Vaz de Camões*, *A Invasão dos Judeus*, *A Explicação do Homem*, *Origens do Bairro Alto de Lisboa* e *Nós, os Espanhóis*. Pelo insólito das suas teses ou pelo seu tom abertamente polémico e provocativo, alguns desses volumes — foi o caso, sobretudo, de *A Invasão dos Judeus* e de *A Explicação do Homem* — tiveram larga ressonância na opinião pública.

Para além dessas obras, publicaria alguns significativos textos esparsos. Entre eles, têm de destacar-se: os já mencionados textos aforísticos recolhidos na *Contemporânea* e na *Presença*; a reflexão «António Botto, o espiritualista da matéria», texto aposto, à laia de posfácio, ao livro de Botto com o título baudelairiano de *Curiosidades Estéticas* (1924); os vários textos que, em 1929, fez inserir em *A Revista* (órgão da Solução Editora, uma iniciativa empresarial de que o próprio Mário Saa foi dos principais financiadores e responsáveis); a prosa de meditação estética que saiu no *Catálogo do I Salão dos Independentes* (1930); e essa estranha e insólita ficção que se intitula «O José Rotativo (fragmento do meio)», saída também na *Presença* (1929), um conto que, situado «entre o delírio onírico e a meditação aforística» — assim o caracterizou, com toda a precisão, Óscar Lopes [6] —, se apresenta como dos mais significativos da nossa novelística de vanguarda.

No mesmo período, é igualmente sublinhável o seu trabalho poético, então a assinalar um decisivo salto qualitativo. Pode dizer-se, a tal propósito, que o poeta de maturidade, o poeta modernista com íntimas ligações, não directamente à revista *Orpheu*, mas à geração que a essa revista esteve ligada, «nasceu» como voz própria, original, em 1924. É o ano em que Mário Saa fará publicar três composições que passaram a constituir textos da maior importância na sua poesia e até, pelo menos num dos casos, na nossa própria história literária. Duas delas, «Xácara do Infinito» e «Versos Frios», integravam o n.º 3 da revista *Athena*. A terceira, «Oh, *Caprice*!», inserida em *A Revista* (não a publicação já referida, da Solução Editora, mas a dirigida por Eduardo Malta), assinala, de facto, o momento exacto de ruptura

---

[6] Óscar Lopes, *História Ilustrada das Grandes Literaturas*, Lisboa, Estúdios Cor, 1977, vol. II, p. 712.

com a poética de acentuado fundo neo-romântico, algo ingénua, que impregnava os versos da sua primeira juventude. Esse tríptico textual anuncia, e decisivamente, o aparecimento de um *outro* tom, de um *outro* modo, ao mesmo tempo mais seguro e mais original, de definitiva autonomia estilística. Uma revolução copernicíana em que o poeta, embora não deixando de carrear, como é bastante óbvio nos poemas da *Athena*, certos tons e certos moldes tradicionalizantes, passa a absorver muita da libertação expressiva característica da modernidade que entre nós eclodiu e se impôs por acção do maremoto órfico-futurista. Tal renovação estilística vai prolongar-se nos anos que se seguiram, através das composições que, pela primeira vez ou em repetição, incluiu em outras revistas ou volumes colectivos: na *Arte Peninsular*, no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*, em *Momento*, em *La Gaceta Literaria* (de Madrid), no *Diário de Lisboa*, no *Tempo Presente* e, sobretudo, na *Presença*. Nesta última revista viria a inserir quase metade dos poemas — e eles não foram muitos, diga-se em abono da verdade — que fez publicar em vida.

Torna-se legítimo admitir que já em meados dos anos 30, esmorecidas ou mesmo abandonadas as suas veleidades de natureza universitária, Mário Saa tenha optado por se dedicar mais abertamente à investigação, repartindo o cumprimento dessa vocação com as obrigações inerentes à condição de proprietário rural. A partir de então, Mário Saa passou a ter outra disponibilidade para as suas pesquisas, aí incluindo frequentes deambulações arqueológicas por todo o país, talvez inspirado no exemplo de José Leite de Vasconcelos que ele conheceu em 1912, aquando de uma permanência do famoso arqueólogo e etnólogo, em trabalho de campo, por aquelas paragens alentejanas.

Presume-se que é a partir desse contexto de encruzilhada, dessa espécie de redefinição da sua vida mental e profissional, que se lhe detectam, a par de uma crescente rarefacção da frequência das tertúlias lisboetas, novas preocupações e novos projectos de índole não propriamente literária. Entroncam-se em tal perspectiva certos escritos avulsos que o ligam a publicações ainda atrás não referidas, como, entre várias outras, *Fradique* e *Sudoeste* [7].

---

[7] Refira-se que ao artigo de Mário Saa publicado em *Sudoeste*, intitulado «Atlântida-Geografia antiga», foi atribuído pelo Secretariado da Propaganda Nacional o prémio de *História e Ensaio*, respeitante a 1935. Esse texto foi integrado no volume *Erridânia — Geografia Antiquíssima*, saído em 1936.

ÍNDICE GERAL

Nota prévia 7

MÁRIO SAA, UM POETA DO MODERNISMO 11

POESIA

I
POEMAS PUBLICADOS EM VIDA DO AUTOR

Xácara do Infinito 67
Versos Frios 70
Oh, *Caprice*! 74
Quadras da Minha Vida (I) 76
Versos de Sabor Estragado 77
A Dor e o Gosto 78
A Vista 79
Desnivelamento 80
O Parto 81
Ali à Sé Velha 82
Xácara das Mulheres Amadas 83
Ode da Justificação da Forma 85
Viragem 87
Soneto 88
Ode 89
Palavra a mais 90

«Como um rio de saudade…» 91
«De gorro e gola cativo…» 92
«Reverto-me em mudas falas…» 93
Poesia 94

II

POEMAS INÉDITOS
OU SÓ PUBLICADOS POSTUMAMENTE

A) *Oriundos dos «cadernos»*

«Dormia o vago sonhador…» 101
«Era a harmonia, à tarde…» 102
«Bem antes do alvor…» 103
«Mal os laivos…» 104
«Na orbe celestial…» 105
«Olhar! Que tens no olhar?…» 106
«Há um sopro de luz…» 107
«Adormecia o olhar…» 108
«Gotas de dor…» 109
«A lua lívida d'água…» 110
«Melancólico, de bruços…» 111
«Foi há dois anos…» 112
«Quem concede…» 113
«É favor que me concede…» 114
«Qu'importa a glória cingida…» 115
«Baptizar de gozo eterno…» 116
«Ataúde, ataúde…» 117
«Perfil de múmia…» 118
«Alvo luar…» 119
Tempestade e Bonança 120
Profunda Visão 122
«Se a minha mágoa…» 124
«Anda um barulho surdo…» 125
«Ser triste, muito triste…» 126
Um Soneto 127
Aspiração Gigante 128
Estesia Musical Templária 129
A Caça à Moça das Fráguas 130
Pelo Vento 135

Razão de Ser 137
A Mulher e a Dança 138
«Não há coração...» 139
«Voyez...» 140
Eco em Paris 141
«Quando virá o clarão...» 142
Oh! 143
Ciclo 144
«Castelo silencioso...» 145
Quadras da Minha Vida (II) 146
«Je veux ta tristesse...» 148
«Tenho dado tudo ao povo...» 149
«Eu sonhei e não achei...» 150

B) *Dispersos*

«Labaredas folgam, brincam...» 153
«Fustiga o vento inverneiro...» 154
«Toda a mão que for longe...» 155
«Má hora aquela...» 156
«É como os botões maninhos...» 157
«Quando a vi...» 158
Mocidade ou Suicídio! 159
«Quanto mais tu vives...» 160
«Quanto mais adormeciam...» 161
«Nessa noite-paul de luar errante...» 162
«Ali, nos Farilhões...» 163
«Onde há dedo de brisa...» 164
A Canção dos Olhos 165
«Hei-de tinir nos cancans do Infinito...» 166
«Sou leve e vil de mais...» 167
«Ando tonto a bailar...» 168
Invitation à la Valse 169
«En te saluant...» 171
«Cinta de mel...» 172
«Tratar da linguagem com desvelo...» 173
«Miseranda Lua...» 174
Enterro 175
«Meus velhos olhos boiei!...» 176
«Ia tão alto, subia...» 177

«Unguentei-me de todo…» 178
«Saborear a desgraça…» 179
À Espera (e não Vens) 180
«Há geral sentimento…» 181
Desnivelamento, Introdução 182
«El-Rei Tristão cofiou a barba toda…» 183
«Meu palácio transpôs…» 184
«Qual de nós…» 185
«Dum maléfico…» 186
«Assim, um nome que prezo…» 187
«Entrou no sono profundo da morte!…» 188
Obstáculo 190
«O papel não vale senão…» 191
«A ti, que os céus cantas…» 192
«Eu tenho em casa uma mesa…» 193
«Lá estive a tarde…» 194
«Quando se está desgostoso…» 196
«O saboroso passeio…» 197
Canção 198
«A alma estragada tinha luzes…» 200
Parto 201
«Silêncio do tamanho…» 202
«Era a hora das vagas…» 203
«Ágeis as mãos…» 204
Poema do Centro 206

ADENDA À ANTOLOGIA POÉTICA

Poemas da juventude

Modo de Andar 211
As Férias da Páscoa 213
Sou um Figurão 214
À Pérola 215
O Enjeitado Mendigo 216
«Sou para ti ingrato…» 217
Ao Pé do Túmulo 218
«Já no bosque cantara…» 219
Metamorfose 220
Despedida 221
Goivos 223

ALGUMA PROSA

Textos de expressão aforística, de reflexão estética e de ficção

Mário, o Inculto 227
Mário, o Breve 231
A cabeça 235
Mário, o Laico 239
Ao princípio era a esfera 244
Redução de Deus 246
A Álvaro de Campos ou Apontamentos sobre os *Apontamentos para uma estética não-aristotélica* 248
«A obra de arte...» 251
Regulamento 252
António Botto, o espiritualista da matéria 253
Dez minutos com Mário Saa 255
A propósito da Sociedade Nacional de Belas-Artes 257
O José Rotativo (fragmento do meio) 258

NOTAS SOBRE OS TEXTOS

POESIA
I. Poemas publicados em vida do autor 269
II. Poemas inéditos ou só publicados postumamente 279
A) Oriundos dos «Cadernos» 279
B) Dispersos 290
Adenda à antologia poética (Poemas da juventude) 303
ALGUMA PROSA 307

TÁBUA CRONOLÓGICA 313

PARA UMA BIBLIOGRAFIA DE MÁRIO SAA 345

ÍNDICE ONOMÁSTICO 381